

EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS DE PRÁTICAS CULTURAIS DE TRABALHADORES DO CAMPO NA NARRATIVA “O SOL DOS TRÓPICOS”, DE DAVID GONÇALVES

*Cladir Gava
Taiza Mara Rauen Moraes*

Resumo

Os escritos literários de David Gonçalves designam relações alegóricas e desvelam o modo de vida de trabalhadores do campo oriundos do êxodo rural que migraram para as periferias das cidades. O objetivo desta pesquisa é disseminar reflexões acerca das experiências simbólicas de práticas culturais dos personagens ficcionados na narrativa *O Sol dos Trópicos*, por meio da análise discursiva que aciona os fundamentos da análise do discurso de Fairclough (2001). As proposições teóricas de Barthes (1978), Bakhtin (2010), Cândido (2000) favoreceram o diálogo entre a literatura, a sociologia e a história acerca da condição humana e as mudanças na cultura dos grupos sociais marginalizados na pós-modernidade, pautada nos estudos de Certeau (2001), Bauman (1998), Hall (2011), Simas e Rufino (2020). A narrativa analisada aponta mecanismos políticos e econômicos que atuam na desconstrução dos vínculos dos personagens migrantes com a terra e na exclusão deles ao passarem a exercer trabalhos informais como boias-frias. Das vivências desses grupos marginalizados, ressignificadas pela literatura, emergem liames com a raiz cultural brasileira materializada na música caipira e nos traços culturais da tradição oral e indícios de organização coletiva, em um contexto de multiplicidade cultural, contradições socioeconômicas e desigualdade social, que caracteriza os centros urbanos a partir da migração. Denota a resiliência desses grupos diante das adversidades e a fixidez das estruturas sociais que (in)visibilizam aqueles que não estão inseridos no jogo social vigente.

Palavras-chave: discurso simbólico; cultura; trabalhadores do campo; êxodo rural.

SYMBOLIC EXPERIENCES OF CULTURAL PRACTICES BY FIELD WORKERS IN THE LITERARY NARRATIVE “O SOL DOS TRÓPICOS”, BY DAVID GONÇALVES

Abstract

The literary writings of David Gonçalves designate allegorical relationships and reveal the way of life of rural workers from the rural exodus who migrated to the outskirts of cities. The objective of this research is to disseminate reflections about the symbolic experiences of cultural practices of the characters fictionalized in the narrative *O Sol dos Trópicos*, through discursive analysis that activates the foundations of Fairclough's (2001) discourse analysis. The theoretical propositions of Barthes (1978), Bakhtin (2010), Cândido (2000) favored the dialogue between literature, sociology and history about the human condition and changes in the culture of marginalized social groups in post-modernity, based on the studies by Certeau (2001), Bauman (1998), Hall (2011), Simas and Rufino (2020). The analyzed narrative points to political and economic mechanisms that act in the deconstruction of the bonds of migrant characters with the land and in their exclusion when they start to perform informal jobs as boias-frias. From the experiences of these marginalized groups, ressignified by literature, links emerge with the Brazilian cultural root materialized in country music and in the cultural traits of oral tradition and evidence of collective organization, in a context of cultural multiplicity, socioeconomic contradictions and social inequality, which characterizes the urban centers from migration. It denotes the resilience of these groups in the face of adversity and the fixity of social structures that (in)visible those who are not included in the current social set.

Keywords: symbolic speech; culture; field workers; rural exodus.

EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS DE PRÁTICAS CULTURAIS DE TRABALHADORES DE CAMPO EN LA NARRATIVA “O SOL DOS TRÓPICOS”, POR DAVID GONÇALVES

Resumen

Los escritos literarios de David Gonçalves designan relaciones alegóricas y revelan el modo de vida de los trabajadores rurales del éxodo rural que emigraron a las afueras de las ciudades. El objetivo de esta investigación es difundir reflexiones sobre las vivencias simbólicas de las prácticas culturales de los personajes ficcionalizados en la narrativa *O Sol dos Trópicos*, por medio de un análisis discursivo que active las bases del análisis del discurso de Fairclough (2001). Las propuestas teóricas de Barthes (1978), Bakhtin (2010), Cândido (2000) favorecieron el diálogo entre literatura, sociología e historia sobre la condición humana y los cambios en la cultura de los grupos sociales marginados en la posmodernidad, a partir de los estudios de Certeau (2001), Bauman (1998), Hall (2011), Simas y Rufino (2020). La narrativa analizada apunta a mecanismos políticos y económicos que actúan en la deconstrucción de los vínculos de los personajes migrantes con la tierra y en su exclusión cuando comienzan a realizar trabajos informales como boias-frias. De las vivencias de estos grupos marginados, resignificados por la literatura, surgen vínculos con la raíz cultural brasileña materializada en la música country y en los rasgos culturales de tradición oral y evidencia de organización colectiva, en un contexto de multiplicidad cultural, contradicciones socioeconómicas y desigualdad social, que caracteriza a los centros urbanos de la migración. Denota la resiliencia de estos grupos ante la adversidad y la fijeza de las estructuras sociales que (in) visibilizan a quienes no están incluidos en el juego social actual.

Palabras clave: discurso simbólico; cultura; trabajadores de campo; éxodo rural.

INTRODUÇÃO

As produções literárias de David Gonçalves suscitam reflexões acerca do contexto sociopolítico brasileiro, em abordagens que remetem ao sistema agrícola do Brasil da segunda metade do século XX. Em *O Sol dos Trópicos*, os personagens circundantes designam experiências simbólicas de indivíduos e grupos sociais marginalizados, que passam a habitar as periferias das cidades brasileiras, oriundos do éxodo rural e trabalham como boias-frias ou em outros serviços informais nesses espaços. Esta pesquisa problematiza as representações discursivas acerca do modo de vida desses migrantes, por meio de conjunturas alegóricas representativas da condição social que eles passam a ocupar após a ruptura dos vínculos com a terra.

As abordagens acerca das práticas culturais e a situação de marginalização dos trabalhadores que figuram nesses escritos foram desenvolvidas com o propósito de estabelecer correlações entre a cultura simbólica manifestada nas narrativas, como ressignificações da condição humana de personagens inseridos aos grupos sociais migrantes. A análise busca ressaltar como o discurso subjacente ao texto se articula para representar a inserção deles no espaço urbano e apresentar indícios das mudanças culturais que foram impulsionadas pela migração, tanto no modo de vida dos grupos sociais, quanto na composição da paisagem cultural das cidades.

Esta análise crítica parte do pressuposto de que a arte literária testemunha o tempo e o espaço em que foi criada, propiciando a circulação de manifestações humanas permeadas pela cultura dos grupos sociais que representa. A literatura, narrativamente e poeticamente (re)significa as relações entre homem e mundo, por meio da problematização sobre os

contextos históricos, sociais e culturais em que foi produzida. É nesse sentido que, conforme Barthes (1978, p. 19) a arte literária “[...] encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático”. Assim, as produções literárias simbolicamente disseminam saberes sobre os homens, estabelecendo interfaces com outras áreas do conhecimento, constituindo-se em uma força capaz de problematizar a realidade pelo uso figurado da linguagem como representação discursiva.

A literatura, compreendida como dialógica e polifônica, como demonstrou Bakhtin (2010, p. 16), abre espaços discursivos de intertextualizações. Nessa perspectiva, a narrativa literária é permeada pelas relações dialógicas, pois nela se insere o diálogo entre os significados que constituem o enunciado, compreendido como unidade da interação social. Abordagem sobre os estudos literários que evidencia o seu imprescindível vínculo com a história da cultura, tendo em vista que os gêneros (da literatura e do discurso) historicamente resguardam formas de percepção e assimilação de determinados aspectos do mundo, em um diálogo contínuo com as demais áreas do conhecimento.

Considerando essas acepções acerca da linguagem literária, cabe discutir como essa se constrói na pós-modernidade, que se configura pelo significativo avanço tecnológico, as inovações nos meios de produção, os conflitos sociais, delineando traços de um contexto de grande complexidade. No campo da cultura, Bauman (1998) analisa o cenário pós-moderno como um ambiente de intermitências históricas, incertezas, tendo como linha mestra a ideia de liberdade. Nesse panorama, a arte “[...] é uma entre as muitas realidades alternativas [...] e cada realidade tem seu próprio conjunto de presunções tácitas, de procedimentos e mecanismos abertamente proclamados para sua autoafirmação e autenticação” (BAUMAN, 1998, p. 129).

Nesse contexto, a função social da literatura, de acordo com Cândido (2000, p. 41) “[...] comporta o papel que o texto desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”. Esse crítico sinaliza que a abordagem da produção literária requer a associação dos aspectos da realidade que ela exprime e as operações formais postas em jogo, que lhe atribuem singularidade, tornando-a independente de condicionamentos. É uma proposta de análise literária que considera o texto e o contexto, por meio de uma interpretação dialética dos fatores externos e da estrutura da narrativa, a partir do entendimento de que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CÂNDIDO, 2000, p. 06). Entende que a literatura discute as questões que se apresentam na sociedade, dialogando com a história, a sociologia, a filosofia, dentre outras áreas do saber. Essa interpretação correlaciona os escritos literários e o ambiente e articula os elementos da estrutura narrativa ficcional a vários campos de produção do conhecimento.

A narrativa *O Sol dos Trópicos* problematiza as formas de organização social marcadas pela exclusão de determinados grupos que não têm acesso à riqueza e ao poder, indicando esse como um dos problemas que denotam a desconstrução dos vínculos humanos e sociais, como é o caso dos migrantes oriundos do êxodo rural. Na década de 1960, o denominado milagre brasileiro referente à economia nacional teve grande impacto no sistema agrário, conforme sinaliza S. Thiago (2001, p. 25): “A agricultura, no Brasil, torna-se,

rapidamente, um conjunto de empreendimentos empresariais de vulto, cuja estrutura excluía - como ainda exclui - o camponês tradicional”.

A incessante procura pelo progresso material e a busca pelo poder dos grandes proprietários de terra tiveram como uma das consequências a concentração de fortuna material por parte de uma minoria, favorecendo a desigualdade social, situação que se agravou com a mecanização da lavoura resultante dos avanços tecnológicos que, por sua vez, necessitou de altos investimentos, dificultando a permanência dos pequenos agricultores no campo e impulsionando a migração para as cidades. Em decorrência, delineou-se um cenário em que, para sobreviver, em diversas situações esses indivíduos necessitaram atender aos interesses do mercado de trabalho e, por vezes, submeteram-se a um processo de dessubjetivação, remetendo aos estudos de Mbembe (2018), designando circunstâncias que atuam na subjugação do sujeito, quando a existência humana é debelada a uma instrumentalização generalizada da exploração pelo trabalho a ponto de lhe ser tirada a dignidade que lhe possibilita ser um sujeito de direitos. Um efeito possível dessa condição é a dissolução da humanidade da pessoa, o aniquilamento dos corpos e, conseqüentemente, a submissão da vida ao poder da morte, caracterizando a necropolítica.

Simas e Rufino (2020) analisam a marginalização de grupos sociais que não atendem aos padrões dominantes como uma marca presente na sociedade brasileira desde o período colonial. Os ataques aos pluralismos e a não disposição ao diálogo investem na exclusão do outro, dos seres que não olham para o mundo a partir da classe que se considera elite. Uma dinâmica na qual são gerados os “[...] sobras viventes, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro”. Dentre eles, alguns “[...] conseguem virar sobreviventes. Outros, nem isso. Os sobreviventes podem virar supraviventes” (SIMAS e RUFINO, 2020, p. 06). Esses últimos são os que conseguem superar a condição de exploração, os resilientes. A resistência, em proveito da valorização da cultura dos grupos marginalizados, converte-se em uma arma para dobrar a lógica dominante.

Esta investigação é dirigida às evidências articuladas pela palavra literária na narrativa *O Sol dos Trópicos*, que problematizam as implicações na cultura causadas pelas rupturas das relações do homem do campo com a terra, como espaço onde vivia e colhia o sustento da família, ocasionadas pelo seu deslocamento para os centros urbanos, onde muitas vezes passou a ser submetido à exploração pelos detentores do poder político e econômico. A análise é direcionada às implicações da imigração desses trabalhadores no aumento das populações marginalizadas nas cidades, denotando contínuas mudanças nas paisagens culturais das cidades.

Este estudo remete às abordagens de Certeau (2001), que se voltam às minorias, grupos anônimos, dando-lhes visibilidade por meio da atribuição de significados às suas práticas sociais. Para ele, o indivíduo não é um receptor cultural do outro, pois ressignifica aquilo que vem do meio social. Problematiza a cultura, a partir da proposição teórica de que essa não existe no singular, elitizada, impositiva ou fechada, pois há uma pluralidade de culturas, construída a partir de referências diferentes, que geram significados diversos, propondo “[...] uma desapropriação da cultura, simultaneamente a uma passagem a práticas de significação (a operações produtoras)” (CERTEAU, 2001, p. 17). Indica que a cultura se expressa nas atividades do cotidiano, com transformações pessoais e está em permanente reelaboração nas diversas dimensões da sociedade, conferindo a cada período histórico e a cada contexto social as suas especificidades. Em decorrência, os grupos sociais se

movimentam e se (re)inventam culturalmente diante das condições que lhes são impostas pelas estruturas centralizadas de poder político e econômico que visam ao apagamento dos conflitos existentes nas relações entre os grupos e as classes e centram-se na eliminação do querer coletivo.

Nos estudos de Hall (2011, p. 51), a cultura ultrapassa a ideia de uma somatória de referências históricas e artísticas de determinado grupo social, sendo analisada a partir do conceito de culturas nacionais que “[...] são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”. Neste sentido, a cultura é entendida como ponto crítico que impulsiona o ser humano na sua ação e intervenção na sociedade, espaço em que as relações de poder são constituídas e potencialmente desestabilizadas. A partir da visão de que as pessoas são produtoras e consumidores de cultura ao mesmo tempo, Hall (2011) aborda o discurso das políticas culturais e das políticas identitárias no contexto da pós-modernidade, buscando suporte nos estudos da linguagem e sua ligação com a construção da identidade cultural dos povos marginalizados, partindo do pressuposto de que a linguagem é o ponto estrutural para o entendimento da cultura. As culturas nacionais arquetipam sentidos sobre a nação, inseridos nas histórias que são contadas sobre ela, as memórias que fazem a ligação entre o presente e o passado e as ideias que decorrem destas percepções. Segundo Hall (2011, p. 74) “a medida em que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”.

Esta pesquisa visa compreender como os elementos da narrativa *O Sol dos Trópicos* representam simbolicamente o contexto sociocultural nas tramas dos escritos analisados. São acionados os conceitos da análise crítica do discurso de Fairclough (2001), que considera o contexto discursivo de forma não limitada, incluindo a conjuntura sociopolítica e econômica do uso da língua, ultrapassando o significado que ela tem dentro das estruturas gramaticais, pois se orienta pela dimensão da linguagem como um meio de prática social. A investigação é direcionada à análise do discurso simbólico como um instrumento que propicia desvelar as expressões culturais que se manifestam nessas narrativas ficcionais em relação à conjuntura social em que foram produzidas, a partir das especificidades que revelam influências das situações históricas e sociais que desvelam aspectos sociopolíticos que perpassam as misérias, lutas e esperanças desses trabalhadores diante das situações indignas de vida às quais foram submetidos, denotando a desigualdade social decorrente de articulações políticas e jogos de poder que se articulam no meio social, convertendo-se em representações discursivas.

EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS E TRAÇOS CULTURAIS DOS TRABALHADORES MIGRANTES ORIUNDOS DO ÊXODO RURAL

A narrativa *O Sol dos Trópicos* aborda a luta do trabalhador com a terra, suas vivências a partir dela, centrando-se na disputa para obtê-la e nas implicações que decorrem da sua perda. A primeira circunstância representada abrange os pequenos agricultores que, vivendo de forma simples no campo, dedicam-se à plantação e colhem da terra o sustento da família, interagindo com ela, como indica esta passagem da narrativa:

O lavrador é assim mesmo, pouco pensa, não é igual aos homens da cidade que vivem fazendo contas intermináveis. Moisés só consegue entender a terra, lê todos os almanaques, descobre os segredos da lua, é capaz de ensinar os segredos da terra sem esforço. Suas mãos calosas assemelham-se a um trator, mas delas, a semente cai no chão lavrado, nasce, cresce e presenteia-o com bons frutos. As mãos de Moisés sabem tudo sobre a terra. Ele fica de cócoras, pega um punhado de terra, acaricia-a entre os dedos grossos como se fosse uma conhecida antiga. Em suas mãos a terra sente-se amada, tem vida e se fortalece, é capaz até de soltar gemidos, como se fosse pessoa. Sai cedo de casa, antes do sol escabelar-se atrás do morro. Só volta quando o sol já se amoitou no horizonte (GONÇALVES, 2010, p. 200).

Nesses escritos, a terra é personificada, tem sentimentos e o personagem a conhece, a compreende, sabe o que ela sente, tem intimidade com ela. Essas figuras de linguagem constroem representações discursivas sobre as interações entre o ser humano e a terra. Indicam vivências simbólicas dos trabalhadores do campo que cultivam expectativas e sonhos ao planejarem o plantio e a colheita, mantimento da família em resposta ao seu trabalho: “[...] o que seria dele sem a terra, aquele pedaço de chão tão bonito? De onde tiraria o sustento? Nada sabe fazer além de trabalhar a terra, quem lhe deu a vida e sempre lhe dará o sustento. Ela é a terra, o mundo é a terra, Deus é a terra” (GONÇALVES, 2010, p. 201).

Contudo, após contextualizar essas experiências simbólicas desses personagens trabalhadores, o enredo é direcionado para a representação da perda dessas terras para o banco que, por sua vez, a vendeu a um fazendeiro, denotando a desconstrução dos vínculos dos pequenos proprietários com o lugar onde viviam e trabalhavam nas propriedades de agricultura familiar:

[...] E Moisés entregou a terra ao banco, que a vendeu a preço de banana a Pasternak. A mudança dele subiu acima num caminhão velho. Moisés era um traste velho também, sequer quis sentar à cabine. No meio do caminho pediu ao motorista que parasse. Então ele desceu, pegou duas ou três mãozadas de terra e despejou-as num saquinho. Montou de novo no caminhão velho e só parou de chorar quando chegou na Vila Rica, onde arranjara um rancho de meia-água quase caindo (GONÇALVES, 2010a, p. 201).

Essas representações suscitam questionamentos sobre a condição do ser humano que, ao perder a terra onde plantava e colhia, também é desprovido das suas expectativas de vida: “Gente simples. Em cada rosto o drama de ter perdido tudo, até mesmo a esperança. Expulsos da terra, perambulam por caminhos estranhos” (GONÇALVES, 2010, p. 122). A narrativa volta-se ao migrante que chega à cidade quase sempre sem instrução ou preparo que lhe favoreça exercer uma profissão no meio urbano. Muitas vezes lhe resta ser boia-fria ou aceitar trabalhos informais, em condições desumanas. Essa ruptura dos vínculos do homem com a terra que lhe resguardava uma forma de vida na qual ele não somente trabalhava, mas vivia nela e dela, muitas vezes desencadeia a fragmentação identitária desse trabalhador, antes agricultor, que necessita se submeter à exploração do seu labor, em um sistema que não lhe oferece condições para viver dignamente. As passagens narrativas da

cidade-metáfora de Quadrângulo trazem indícios sobre as consequências do êxodo rural brasileiro das décadas de 1980 e 1990, simulada nesses escritos pelo domínio dos grandes latifúndios que são mecanizados; em decorrência, a sobrelotação das cidades onde aumenta a miséria e a violência:

[...] o progresso aqui caminha a passos largos, vem gente de todo lado, nova vida acenando fértil. Uns encontram acesso, outros perambulam perdidos, desenganados. Assim, Quadrângulo vai inchando como jiboia engolindo o bom e o mau. O prefeito chegou a dizer que não queria mais gente na cidade. Daí veio, de uma só leva, uma aluvião. Ruas superlotadas de esmoleiros. Está inchando, ninguém sabe onde irá parar. Boias-frias circulam, o êxodo rural se avoluma, os campos ficam desertos, as pequenas propriedades somem, os grandes latifúndios dominam. As cidades incham. A pobreza se multiplica veloz. Os crimes aumentam; os desocupados também. Mas a cidade continua parecendo, à primeira vista, muito calma e pacata. Só por fora. Por dentro os dramas crescem, tomam corpo e ameaçam explodir [...] (GONÇALVES, 2010, p. 254).

Essa narrativa traz à tona a percepção subjetiva da outra forma de vida que o migrante em situação de êxodo rural passa a ter na cidade. Do enredo enriquecido pelas vivências simbólicas dos personagens, emerge a pluralidade cultural que se configura nesses espaços onde circundam, além da população local, migrantes oriundos de diversas regiões brasileiras, personagens de distintas posições econômicas e sociais, como boias-frias, sem-terra, trabalhadores informais, violeiros, pequenos agricultores, arrendatários de pequenas extensões de terra, grandes fazendeiros, banqueiros, oficiais da lei, salteadores de bancos, assassinos, padres, beatas, dentre outros.

A trama é marcada pelas ações dos migrantes que expressam a sua ligação com traços culturais da região representada, tradução do sentimento do povo diante das adversidades que enfrenta em um cenário de desigualdades socioeconômicas e das investidas midiáticas de inserção dos estrangeirismos, que promovem a descaracterização da cultura originária desses grupos sociais. As festas populares são animadas pela moda de viola, da sanfona e da catira, batuque de origem indígena. A música caipira raiz, que é uma das expressões oriundas da cultura brasileira, tem seu expoente na caracterização do personagem Seresteiro, “uma pessoa tão boa, tão sublime [...]” que “não vivia simplesmente por viver” (GONÇALVES, 2010, p. 256). Mesmo após alcançar a fama como violeiro, anseia por manter sua originalidade, sente-se infeliz com os apelos da gravadora para mudar seu modo de se vestir, prefere fazer suas canções brotarem das coisas simples, ao contrário do irmão Trovador, com quem forma uma dupla.

O personagem Zé Mauro é um “sujeito que usa chapéu grande de palha e cobre o corpo com uma capa rota, botas enlameadas” (GONÇALVES, 2010, p. 06) quando era arrendatário, demonstrava sua alegria através da moda de viola: “sentia-se alegre, cantava velhas modas tiradas da vida. Quando se sentava na porta do rancho, de tardezinha dedilhava a viola. Porque ele também tinha viola. E cantava [...]” (GONÇALVES, 2010, p. 40). Depois, como líder dos sem-terra e político, vê-se diante de outra realidade. O conflito cultural se revela pelas dificuldades de manutenção dos traços que ligam esses migrantes às suas origens e os apelos de adaptação às demandas delineadas por uma cultura que se impunha como dominante.

Os dizeres populares são constantemente mencionados, como em “[...] um dia faz chuva, outro faz sol. Alguns ficam nublados. Nada melhor do que um dia atrás do outro” (GONÇALVES, 2010, p. 29); “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” (GONÇALVES, 2010, p. 32); “o parafuso tem muitas roscas” (GONÇALVES, 2010, p. 370), remetendo à raiz cultural dos grupos sociais representados, que recebem e transmitem as tradições basicamente pela oralidade. O enredo demonstra que, a qualquer novidade, há o falatório entre o povo: “os boatos corriam como notícia ruim em terreiro de pobre” (GONÇALVES, 2010, p. 279). Esses escritos reatualizam os costumes e hábitos populares. Quando se sentiu mal do estômago, o padre Deuteronômio “[...] tomou todos os chás conhecidos, desceu a prateleira das farmácias, procurou uma benzedeira que curava gado” (GONÇALVES, 2010, p. 53).

A narrativa é perpassada por passagens que indicam as contradições entre as vivências simbólicas das famílias que permaneceram no campo e as que passaram a viver nas periferias das cidades. Retrata o modo de vida dos pequenos agricultores que ainda dispõem da sua propriedade familiar: o padre visita a família e, ao acordar, “[...] pai e irmãos já estavam na roça desde as seis. O gato dormia na taipa do fogão à lenha; no pomar, o chilreado dos pássaros formava um grande coral. Sua mãe, trazendo um feixe de lenha à cozinha, depositando junto ao fogão, quando o viu, sorriu feliz”. E a fala da mãe: “Aqui está o leite, o café, o pão, as bolachas” (GONÇALVES, 2010, p. 169). Nas fazendas abastadas em alimentos e conforto há mesa farta, “[...] pãoquentinho, feito em casa no forno à lenha” e no plantio “[...] tudo é moderno, nada obsoleto” (GONÇALVES, 2010, p. 24). Os fazendeiros têm acesso às tecnologias, enquanto os pequenos agricultores realizam trabalhos de forma manual. A fartura das grandes propriedades contrasta com a vida miserável dos boias-frias, migrantes oriundos do êxodo rural, que moram em casebres nas zonas periféricas das cidades, em condições precárias e não têm boa alimentação: “e o boia-fria ficou trabalhando só pela boia, que é fria e mal cobre o estômago” (GONÇALVES, 2010, p. 41). A personagem Ana Bela, ao chegar ao acampamento dos sem-terra, questiona-se: “O que farei para a janta? [...] verificando o estoque de alimentos na barraca, pouco encontrou, senão farinha em um saco plástico”. Na barraca vizinha: “[...] Ih, mulher, as latas estão vazias, não há sequer um tiquinho de charque. Miséria, mulher, só vejo miséria”. Ao indagar o que os filhos da vizinha comeriam, apontando “meia dúzia de pirralhos sujos e barrigudos” ela obtém a resposta: “Sei lá! Ainda não sei. Quem sabe, uma farinha de mandioca com água...” (GONÇALVES, 2010, p. 274). Essas passagens denotam que, ao serem rompidos os vínculos do trabalhador com a terra, ou seja, quando ele deixa de ser um pequeno agricultor e passa a ser um migrante boia-fria, as rupturas se manifestam em seu modo de vida.

A representação discursiva desvela a batalha do homem com o próprio homem. Retrata a saga do trabalhador que, em diversas situações, é explorado pelo sistema agrícola e denuncia a ganância dos proprietários de grandes fazendas, que se articulam com os detentores do poder político e econômico em prol dos próprios interesses, como indica a fala do deputado Toniquarto Vieira ao tramar junto ao fazendeiro Pasternak uma estratégia eleitoral supostamente em defesa da reforma agrária: “[...] desde que promova votos, aceito até injeção na testa. O povo é a minha vaca sagrada” (GONÇALVES, 2010, p. 288). Esses escritos deixam transparecer que o discurso do direito de todas as pessoas a uma vida digna é encenado demagogicamente pelo poder político, sobrepondo-se às necessidades humanas fundamentais do povo. Nesse contexto, a reforma agrária aparece como uma tática eleitoral, cuja efetivação continuaria a ser apenas um sonho para muitos boias-frias.

A representação simbólica inserida na trama incita a reflexão sobre a mediocridade e a hipocrisia circulantes na sociedade, em um cenário marcado pelas manobras políticas, que favorecem uma minoria concentradora de grande riqueza e manipula a massa popular, com o apoio da mídia, como indica esta passagem: “A rádio Cidade de Quadrângulo pediu calma, incentivou a ordem e o progresso, instigou a devoção, o respeito e a dignidade. As mais belas músicas sertanejas falando sobre a pátria, o amor e a devoção à Nossa Senhora Aparecida foram ouvidas” (GONÇALVES, 2010, p. 90).

A narrativa também dá conta de que a classe dominante tem aliados entre os defensores da lei: “[...] pouco interesse tinha o delegado em achar o pároco [...] desejava apenas sensibilizar o deputado da região, pois, recentemente, havia cochichado aos ouvidos do nobre político o interesse numa transferência para a capital, num posto maior [...]” (GONÇALVES, 2010, p. 276). A esse discurso simbólico, subjaz o uso da mídia, da religião e da polícia para manipular a população trabalhadora e induzi-la a permanecer em condições de subserviência, intervenções que se refletem no modo de vida desses trabalhadores. Denota, ainda, a perseguição e retaliação àqueles que demonstram consciência de classe e se propõem a lutar pelos seus direitos a uma vida digna.

A trama narrativa, portanto, abre possibilidades de discussão sobre as ações do ser humano, sem fazer concessões. Em meio à corrupção política, há personagens representativos do poder dominante que enganam o povo para aumentar sua riqueza, ordenam o assassinato daqueles que representam empecilho para o alcance dos seus interesses. Na cidade e nos povoados circundam personagens de bandidos que cometem atrocidades como roubar, matar e estuprar. Contudo, as vozes que permeiam esses escritos não deixam de clamar que cada pessoa escolhe seu caminho, ainda que as escolhas sejam poucas e difíceis, o discurso subjacente ao texto reforça a importância do trabalho e da integridade como forma de vencer as adversidades.

A análise do discurso das experiências simbólicas dos grupos marginalizados representados no romance *O Sol dos Trópicos* remete aos estudos de Cândido (1982) sobre as mudanças na vida do caipira paulista diante da urbanização, identificando uma cultura mista, formada por traços caipiras e urbanos, pois mesmo para os agricultores que permaneceram na lavoura, há uma perda ou transferência de elementos culturais tradicionais do seu modo de vida, antes marcado pelo isolamento e a autonomia. Denota a crise vivida pelo caipira, que resiste ao máximo para preservar traços identitários, mas, diante da precariedade de sua vida, é compelido a aderir a um processo de modernização e passa a se incorporar ao sistema comercial das cidades, no qual se acentuam as diferenças entre as formas culturais antigas e as tradicionais. Configuram-se a aglutinação e a oposição entre a cultura rústica popular, com suas práticas identitárias perpassadas pela oralidade e a cultura urbana, que caracteriza a elite social. Uma forma encontrada pelo caipira para se inserir nos meios de produção é a formação de laços comunitários, a partir da vivência coletiva, que demonstra a consciência de classe da categoria de trabalhadores.

Algumas aproximações entre as pesquisas de Cândido (1982) e a narrativa *O Sol dos Trópicos* de David Gonçalves sinalizam que o modo de vida do caipira é afetado pela necessidade de adaptação aos mecanismos impostos pela conjuntura socioeconômica marcada pelos avanços das tecnologias, sistema esse que atua em detrimento da cultura tradicional e apontam a organização coletiva como uma possibilidade de resiliência dos grupos sociais marginalizados. Em *O Sol dos Trópicos* isso ocorre com a organização sindical, idealizada pelo personagem Zé Mauro, que promove a união do grupo,

convencendo os boias-frias a participarem de um sindicato e a montarem um acampamento na luta pela terra.

Ao retratar as condições de vida indigna desses grupos sociais e pela representação simbólica dos seus traços culturais e identitários, esses escritos literários indicam formas de resiliência dessas pessoas diante das adversidades. A arte, substancializada pela música caipira, é apontada como meio de expressão, realização e resistência. Como diz o personagem Seresteiro “a arte está acima de toda a mediocridade” (GONÇALVES, 2010, p. 361). O homem do campo, mesmo quando passa a viver no espaço urbano, sente a necessidade de manter seu vínculo com a moda caipira, para contar suas histórias, cantar a sua dor, as suas saudades e as suas esperanças.

CONSIDERAÇÕES

Em *O Sol dos Trópicos*, os escritos literários (re)criam experiências simbólicas dos personagens trabalhadores do campo e denotam modificações no modo de vida de parte deles, que se tornaram migrantes oriundos do êxodo rural e passaram a viver nas periferias das cidades. Em um cenário de corrupção política, contradições socioeconômicas e desigualdade social, as relações alegóricas representados traduzem a genuína relação do ser humano com a terra como fonte de vida e a ruptura desses laços ao perder sua propriedade familiar e passar a exercer trabalhos informais, como é o caso dos boias-frias, em condições de miséria, confrontados com a ausência de circunstâncias dignas de vida nos espaços urbanos.

A grande contingência de imigrantes oriundos do êxodo rural desencadeado pelo sistema agrícola brasileiro da segunda metade do século XX é apontado como fator de crescimento das populações marginalizadas nos centros urbanos. A narrativa indica mudanças no modo de vida dessas pessoas, em contextos nos quais não fazem parte do poder constituído pelo capital. Esses grupos sociais são discriminados, submetidos à exploração e à desigualdade social nas cidades que os acolhem como força de trabalho e simultaneamente os segregam devido ao fato de não pertencerem à cultura dominante.

A saga dos boias-frias, dos lavradores, dos trabalhadores informais, enfim, dos grupos sociais marginalizados é ressignificada nos referidos escritos, por meio da representação alegórica das suas experiências e dos seus traços culturais e identitários. São trazidos à tona os mecanismos sociais opressores que atuam na disseminação dos valores culturais dessas minorias marginalizadas que, por sua vez, continuamente re(criam) sua cultura, em circunstâncias materializadas na música caipira, na fala cristalizada dos ditos populares, nos hábitos, costumes, tradições e na ação coletiva, denotando a resiliência desses grupos diante das adversidades impostas pelo sistema articulado sob o domínio do capital.

A representação discursiva nesses escritos literários indica que a intensa migração atribuiu novos significados aos espaços urbanos, interferindo na sua configuração, pluralizando-os, sinalizando o papel que esses migrantes têm na modificação das paisagens culturais das cidades.

A palavra literária reconstrói mundos e propicia ao leitor novos olhares e percepções sobre o contexto sociocultural. Em *O Sol dos Trópicos*, a crítica sociopolítica é mediada pela literatura, por meio de conjunturas simbólicas que remetem a situações históricas e denotam engajamento às questões sociais.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. [Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al]. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARTHES, Roland. *Aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França*. 7/01/1977. [Trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 64 ed São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: Quatro, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 2 ed. Campinas – SP: Papyrus, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. [Trad. Izabel Magalhães (coord.)]. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GONÇALVES, David. *O sol dos trópicos*. Joinville: Sucesso Pocket, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. [tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. [tradu. Renata Santini]. São Paulo: N-1Edições, 2018.
- S. THIAGO, Raquel. Joinville: cultura e história. In: *Joinville 150 anos*. Joinville: Letradágua, 2001.
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

*Submetido em dezembro de 2021.
Aprovado em dezembro de 2021.*

Informações do(a)s autor(a)(es):

Cladir Gava
Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)
E-mail: cladirgava@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6879-1273>

Taiza Mara Rauen Moraes
Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)
E-mail: taiza.mara@univille.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6389-1133>